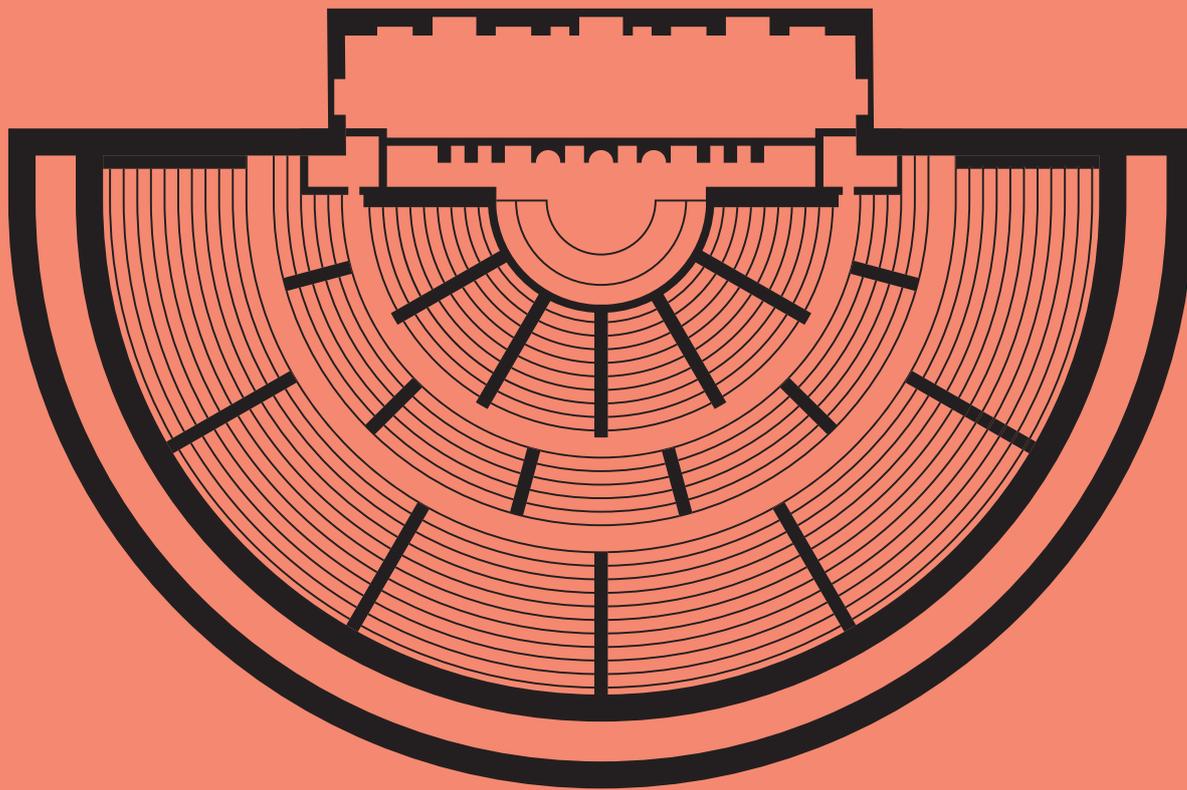


VI

MMXXV - 2025

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



— ATAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL —
EDIFÍCIOS DE ESPECTÁCULO
NA LUSITÂNIA ROMANA





VOLUME VI

MMXXV - 2025

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO

– ATAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL –
EDIFÍCIOS DE ESPECTÁCULO
NA LUSITÂNIA ROMANA

ÍNDICE

EDITORIAL

Congresso internacional edifícios de espetáculo na Lusitânia romana 24 e 25 de março 2023 Joana Sousa Monteiro	5
O porquê de um congresso sobre edifícios de espetáculos romanos da Lusitânia? Lídia Fernandes	7

PROGRAMA

Programa do Congresso Edifícios de Espetáculo na Lusitânia Romana	11
--	----

ARTIGOS

17

Edifícios romanos de espectáculos en <i>Lusitania</i> Trinidad Nogales Basarrate	18
---	----

Metellinum

Edifícios de espectáculos públicos Santiago Guerra Millán	46
--	----

Análisis arqueológico del teatro y anfiteatro de <i>Augusta Emerita</i> a la luz de las nuevas investigaciones Pedro Mateos Cruz	66
--	----

Costes y mecenazgo en los teatros romanos Algunas consideraciones Patrizio Pensabene, Javier Á. Domingo	88
---	----

El trazado vitruviano como mecanismo predictivo de las estructuras teatrales romanas Salvador Lara Ortega	110
---	-----

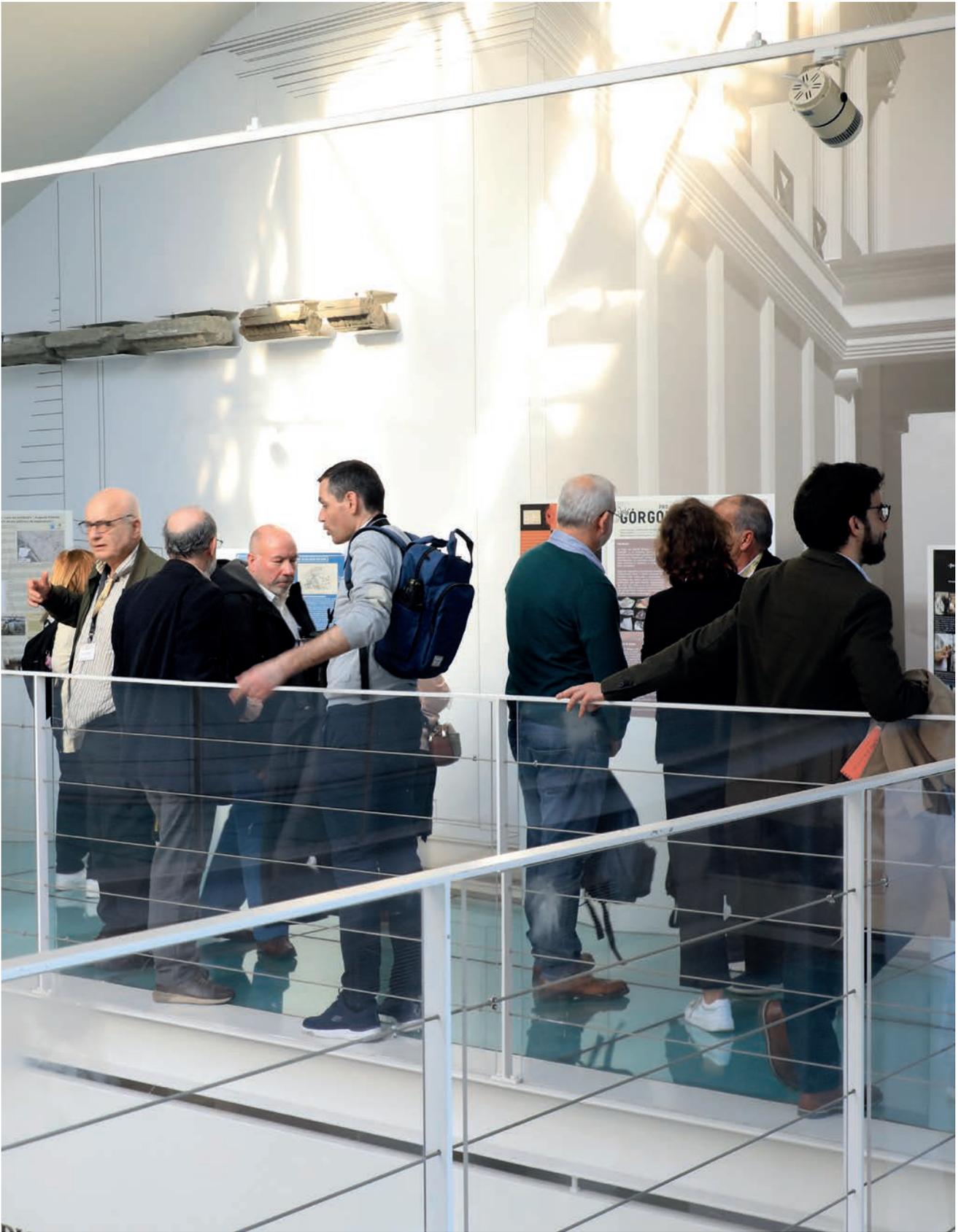
Singularidades e diversidades da edificação cénica O caso do teatro romano de Lisboa Lídia Fernandes, Carolina Grilo, Patrícia Brum	132
---	-----

O teatro romano de <i>Bracara Augusta</i> Manuela Martins, Ricardo Mar, Fernanda Magalhães	148
---	-----

Anfiteatro de <i>Ammaia</i> (Marvão) Um novo edifício lúdico na Lusitânia - CNS 300 / IPA.00001844 Carlos Fabião, Nova Barrero Martín, Amílcar Guerra, Trinidad Nogales Basarrate, Catarina Viegas, José Maria Murciano, Joaquim Carvalho	166
---	-----

Mais a norte, na Lusitânia O anfiteatro da <i>splendidissima civitas</i> (Bobadela, Oliveira do Hospital) Rui M. Silva, Pedro C. Carvalho	186
---	-----

Os edifícios de espetáculo em Conimbriga Problemáticas e desafios Vítor Dias, Virgílio Hipólito Correia, José Ruivo, Ricardo Costeira da Silva, Filipe Ferreira	202
El anfiteatro de Cáparra Ana María Bejarano Osorio	216
El circo romano de Mérida Rocío Ayerbe Vélez, Félix Palma García	236
O circo, chamado “hipódromo”, de Mirobriga (Santiago do Cacém) História da investigação e trabalhos recentes Felix Teichner, Filomena Barata, José Carlos Quaresma	250
Circo romano de Lisboa Implantação e devir urbanístico Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro	264
POSTERS	285
Representaciones lúdicas sobre lucernas en Augusta Emerita (Badajoz, España) Alejandro González Blas	286
Una relectura de la denominada “casa del anfiteatro” de Augusta Emerita (Mérida, España) ¿Domus privada o edificio al servicio de los <i>ludi</i> ? Ana María Bejarano Osorio, Macarena Bustamante-Álvarez	298
As realidades servis da Lusitânia romana Um olhar epigráfico sobre os edifícios de espetáculo Sílvia Teixeira	316
Primeiros indícios arqueológicos do (Anfi)Teatro Romano de Évora? As estruturas do Palácio do Vimioso Leonor Rocha	326
O projeto Górgona – Corpus de litotipos de revestimento ornamental na Lusitânia Enquadramento histórico-arqueológico Lídia Fernandes, Carolina Grilo, Patrícia Brum, Jorge Sequeira, Manuel Francisco Costa Pereira	338
A conservação e restauro e a tecnologia da escultura em prol da Arqueologia Experimental - Que cores Pintaram o Teatro Romano? - Marta Frade	356
A maquete do Teatro Romano de Lisboa Carlos Cabral Loureiro	364
ABSTRACTS	373



CONGRESSO INTERNACIONAL EDIFÍCIOS DE ESPETÁCULO NA LUSITÂNIA ROMANA 24 E 25 DE MARÇO 2023

Joana Sousa Monteiro
Museu de Lisboa, Diretora do Museu de Lisboa

Por iniciativa da equipa do Museu de Lisboa que coordena cientificamente o museu dedicado ao Teatro Romano de Lisboa, teve lugar em março de 2023 o primeiro congresso internacional dedicado aos *Edifícios de Espetáculo na Lusitânia Romana*. Tratou-se de um momento muito enriquecedor de partilha de conhecimento resultante de linhas de investigação histórica e de recentes escavações arqueológicas, tanto de âmbito académico como museológico. Este evento contou com a participação de representantes do Museo Nacional de Arte Romano de Mérida, da Direção de Museus e Património da Junta da Extremadura, da Fundação Cidade da Ammaia, do Instituto de Arqueologia de Mérida e do Museu de Lisboa. A estes somaram-se os contributos de especialistas das Universidades de Roma, de Santa Croce, de Valência, do Minho, de Lisboa, de Coimbra, do Porto, e de Évora, e, ainda, da Escola Espanhola de História e Arqueologia em Roma. Este amplo espectro de participantes no congresso, assim como dos autores deste livro, possibilita uma significativa representação geográfica, não apenas da Lusitânia correspondente a parte da atual Península Ibérica, mas também de Itália, assim como assegura uma densificação notável de perspetivas científicas que se complementam.

Com a presente publicação, criamos a oportunidade da perpetuação em suporte editorial de muitos dos dados e perspetivas críticas apresentados no congresso, assim como das reflexões que resultaram do debate, da troca de ideias e da partilha de novas informações. Trata-se agora de uma divulgação mais ampla do que hoje é possível saber sobre a importância material, política e simbólica de edifícios de espetáculos Lusitânia Romana, incluindo teatros, anfiteatros e circos, as características construtivas e urbanísticas que seguiam um modelo comum, assim como as especificidades de casos particulares de acordo com a configuração do terreno, os recursos naturais ou o posicionamento estratégico. Agradecemos a todos os que organizaram e contribuíram para a elevada qualidade científica da presente publicação, desejando que esta seja também de interesse para públicos não especializados promovendo, assim, a curiosidade e o interesse pelo património romano e pela história da Lusitânia.



O PORQUÊ DE UM CONGRESSO SOBRE EDIFÍCIOS DE ESPETÁCULOS ROMANOS DA LUSITÂNIA?

Lídia Fernandes

Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano

Desde há muito que a realização de congressos sobre temas específicos de arqueologia tem impulsionado a publicação de monografias e de estudos circunstanciados. Ultimamente, mercê de um maior interesse dado a estes temas - que é simultaneamente causa/efeito dos crescentes estudos que têm vindo a ser realizados - assiste-se a uma especialização temática e, simultaneamente, a uma amplitude geográfica de estudos.

Este tipo de encontros, suscitando a publicação de atas, continua a representar um papel fundamental na atualização do conhecimento. Novos estudos e intervenções arqueológicas têm-se multiplicado um pouco por todo o lado e as perspetivas de investigação têm vindo a cotejar diferentes casos de estudo, multiplicando paralelos e tentando perceber influências subjacentes. Esta globalização da investigação permite entender o fenómeno da Romanização, aculturação ou, como designava em tempos Jorge de Alarcão, de crioulização, de um modo mais completo, pois o Império sendo apenas um, foi sendo sempre o somatório das suas partes.

Pareceu-nos, pois, pertinente, a realização de um congresso que analisasse, no seu conjunto, os vários tipos de edifícios de espetáculo, temática relevante pois tais edifícios são sempre a tradução e a afirmação do poder e uma veiculação de mensagens globais dos decisores de Roma.

A província romana da Lusitânia é, assim, analisada na sua globalidade e individualmente. A comparação com edifícios similares por todo o império seria naturalmente relevante, mas é igualmente interessante perceber os pontos de união entre os onze edifícios públicos de espetáculo que aqui se analisam: três teatros, cinco anfiteatros e três circos. Decerto o seu número seria substancialmente maior como, provavelmente, teremos oportunidade de constatar no decurso deste encontro. Simultaneamente, procurou-se obter uma visão mais transversal sobre este tipo de edifícios, quer no que respeita a aspetos técnicos, sistemas e modos construtivos, quer quanto a custos associados à sua edificação.

Além dos espaços de espetáculo da Lusitânia, incluímos igualmente o teatro de Braga o qual, ainda que integrado administrativamente na província romana da Tarraconense, não deixa, pela sua proximidade, de estabelecer interessantes pontos de ligação com o território provincial contíguo.

De relembrar aqui o primeiro congresso deste tipo celebrado em Mérida em 1980 *El Teatro en la Hispania Romana*, levado a cabo por José Alvarez Martínez, e a publicação posterior das respetivas atas, assim como o Seminário sobre teatros romanos da Hispania que teve lugar em Cartagena em 1993 pela mão de Sebastián Ramallo e do Arqtº Félix Santiuste, suscitando a publicação, no mesmo ano, do 2º volume dos *Cuadernos de Arquitectura Romana*, editado pela Universidade de Múrcia.

A relevância daquele curso e o local da sua realização, Cartagena, foram aspetos determinantes para esta cidade tendo a identificação do teatro romano em 1988, tido um papel fundamental para o desenvolvimento desta urbe, promovendo a reconversão patrimonial e urbanística e motivando a sua própria redefinição. A arqueologia foi o mote para a transformação urbana, mas também social e económica da antiga *Carthago Nova*, hoje profundamente distinta e representando um caso de sucesso de reabilitação urbana onde surgem, constantemente, novos pontos de interesse, como o Cerro del Molinete ou o Museo Nacional de Arqueologia Subaquática.

Também os restantes edifícios de espetáculo, além dos teatros, têm sido objeto de publicações monográficas, como ocorreu em 1995 com o volume *El Anfiteatro en la Hispania Romana* ou, em 2001 com o congresso e respetivas atas *El Circo en la Hispania Romana*, pela mão de Trinidad Nogales Basarrate. O papel do Museo Nacional de Arte Romano tem, aliás, sido fundamental na promoção deste tipo de congressos e é com imenso agrado que, desta vez, seja o Museu de Lisboa – Teatro Romano a levar a cabo um congresso de síntese sobre os edifícios de espetáculo da província romana da Lusitânia.

Aos sítios arqueológicos não basta a sua relevância patrimonial e histórica. A sua manutenção e preservação nas cidades atuais, vivas e dinâmicas, exige a reabilitação de tais espaços perspetivados de uma forma global. Mais do que objetos arquitetónicos que se adicionam ao tecido construído, há que entendê-los como elementos fulcrais que dão o mote e impulsionam a regeneração do tecido urbano.

A este propósito, o Museu de Lisboa – Teatro Romano organizou nos meses de abril, maio e junho de 2023 – e na sequência da celebração do congresso sobre edifícios de espetáculo - um ciclo de palestras com o título *Desafios de Expor o Passado – Sobre a Musealização de Sítios Arqueológicos*. Num total de seis palestras, abordou-se este tema, cada vez mais premente perante a diversidade de soluções e crescente número de casos. Com especial satisfação quis o Centro de Arqueologia de Almada associar-se a esta iniciativa através da publicação na Revista *Almadan* dos contributos dos vários investigadores que participaram neste

ciclo de palestras, volume apresentado publicamente em novembro de 2023 no Museu de Lisboa – Teatro Romano. Agradecemos o interesse do Diretor da Revista, Jorge Raposo, pelo manifesto interesse na publicação destes contributos numa revista de tão grande divulgação como é a *Almadan*.

O património arqueológico pode e deve ser [também] o impulsionador da renovação das cidades e, especialmente o seu critério diferenciador que é, afinal, a essência da sua identidade. O atual uso, ou reuso destes espaços, constitui um tema cada vez mais premente pela massificação turística de alguns destes sítios arqueológicos, mas pode igualmente traduzir a legitimação da função original destes monumentos e da sua dignificação.

Não poderia deixar de agradecer a todos os que responderam de imediato a este desafio. Num momento em que as solicitações aumentam exponencialmente de dia para dia, é com imensa satisfação que foi possível congregar um conjunto tão relevante de investigadores.

Uma palavra especial à Comissão Científica deste congresso: André Carneiro, António Pizzo, Giulia Rossi Vairo, Pedro Alarcão, Trinidad Nogales e Vasco Gil Mantas que nos apoiaram e auxiliaram na concretização deste projeto. Um agradecimento a toda a equipa do teatro romano, um conjunto de 10 pessoas que, todos os dias, permite abrir ao público um sítio arqueológico que acolhe milhares de visitantes e que aguarda, desde há muito, a requalificação do espaço arquitetónico que protege o monumento romano. Um obrigada especial a Carolina Grilo, Mónica Gomes e Patrícia Brum que, de forma mais próxima ajudaram à concretização de mais este projeto do Museu e, de igual modo a Cristiana Ameixinha investigadora e antiga estagiária do museu que deu um enorme contributo na logística do congresso.

Por fim, um especial obrigado ao Museu do Fado e à sua diretora, Sara Pereira, pelo apoio concedido na realização do congresso que decorreu no auditório deste equipamento.

Só se protege o que conhece e só se conhece o que se entende e se reconhece o valor. Este congresso é feito pelos investigadores que sobre o tema têm, alguns deles, dedicado grande parte da sua vida, mas é, em especial, dedicado a todos os que não são especialistas, a todos os que querem conhecer mais sobre o seu passado e, igualmente, sobre o futuro do seu património, o futuro das suas cidades e sobre a sua própria identidade.



- ▲ Teatros
- Anfiteatros
- Circos



PROGRAMA
DO CONGRESSO

EDIFÍCIOS
DE ESPETÁCULO
NA LUSITÂNIA
ROMANA

24 — 25 MARÇO 2023

24 MARÇO 2023

Museu do Fado (Largo Chafariz de Dentro 1)

10H30
RECEÇÃO AOS
PARTICIPANTES

11H
SESSÃO DE
ABERTURA

11H30
EDIFÍCIOS ROMANOS
DE ESPECTÁCULOS
EN *LUSITANIA*

Trinidad Nogales Basarrate

12H10
METELLINUM
Pasado, presente y futuro
de su teatro romano

Santiago Guerra Millàn

12H40
ANÁLISIS
ARQUEOLÓGICO
DEL TEATRO
Y ANFITEATRO
DE *AUGUSTA*
EMERITA A LA LUZ
DE LAS NUEVAS
INVESTIGACIONES

Pedro Mateos Cruz

13H10
DEBATE

13H30
ALMOÇO

15H
COSTI E
COMMITTENZE
NEI TEATRI ROMANI

Alcune considerazioni

Patrizio Pensabene,
Javier Á. Domingo

15H30
EL TRAZADO
VITRUVIANO
COMO MECANISMO
PREDICTIVO DE
LAS ESTRUCTURAS
TEATRALES
ROMANAS

Salvador Lara

16H
SINGULARIDADES
E DIVERSIDADES DA
EDIFICAÇÃO CÉNICA
O caso do teatro romano
de Lisboa

Lídia Fernandes, Carolina Grilo,
Patrícia Brum

16H30
DEBATE

17H
APRESENTAÇÃO
DE POSTERS

Representaciones lúdicas sobre
lucernas en *Augusta Emerita*
(Badajoz, España)

Una relectura de la denominada
“casa del anfiteatro” de *Augusta*
Emerita (Mérida, España)
¿*Domus* privada o edificio
al servicio de los *ludi*?

As realidades servis
da Lusitânia romana
Um olhar epigráfico sobre
os edifícios de espectáculo

Primeiros indícios
arqueológicos do (Anfi)Teatro
Romano de Évora?

As estruturas do Palácio do Vimioso

O projeto Górgona – *Corpus*
de litotipos de revestimento
ornamental na Lusitânia
Enquadramento
histórico-arqueológico

A conservação e restauro
e a tecnologia da escultura
em prol da Arqueologia
Experimental
- *Que cores Pintaram*
o Teatro Romano? -

A maquete do
Teatro Romano de Lisboa

17H30
VISITA AO TEATRO
ROMANO DE LISBOA E
MOSCATEL DE HONRA

19H
VISITA AO CASTELO
DE SÃO JORGE E ÁREA
ARQUEOLÓGICA

25 MARÇO 2023

Museu do Fado

10H

O TEATRO ROMANO DE BRAGA

Um teatro em descoberta

Manuela Martins

10H30

ANFITEATRO DE AMMAIA

C. Fabião, T. Nogales, N. Barrero, A. Guerra, J. Carvalho, J. M. Murciano, R. Sabio, C. Viegas, S. Borges, R. L. Machado, D. Moreno, J. Aires

11H

MAIS A NORTE, NA LUSITÂNIA

O anfiteatro da *splendidissima civitas*
(Bobadela, Oliveira do Hospital)

Pedro C. Carvalho, Rui Miguel Silva

11H30

PAUSA

11H50

OS EDIFÍCIOS DE ESPETÁCULO EM CONIMBRIGA

Problemáticas e desafios

Vítor Dias, José Ruivo, Virgílio Hipólito Correia, Ricardo Costeira da Silva, Filipe Ferreira

12H20

EL ANFITEATRO DE CÁPARRA

Estructura de un espacio lúdico en el suburbio de la ciudad

Ana María Bejarano Osorio

12H50

DEBATE

13H10

ALMOÇO

15H

CIRCO ROMANO DE MÉRIDA

Félix Palma, Raquel Nodar, Rocío Ayerbe

15H30

O QUE SE CONHECE DO CIRCO ROMANO DE MIRÓBRIGA

Filomena Barata, Félix Teichner, José Carlos Quaresma

16H

CIRCO ROMANO DE LISBOA

Implantação e devir urbanístico

Lídia Fernandes, Ana Vale, Carlos Loureiro

16H30

PAUSA

16H50

REUTILIZACIÓN Y SIGNIFICADO

Los edificios públicos para espectáculos de la Antigüedad

Francisco Juan Vidal

Texto não entregue para publicação

17H20

DEBATE

17H40

ARQUITECTURA PARA EL ESPECTÁCULO EN HISPANIA

Viejas cuestiones, nuevas propuestas

Sebastián Ramallo Asensio

Texto não entregue para publicação

REFLEXÕES FINAIS E ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Sebastián Ramallo Asensio

Texto não entregue para publicação





Fotografias © José Avelar



POSTERS

PRIMEIROS INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS DO (ANFI)TEATRO ROMANO DE ÉVORA?

*As estruturas do
Palácio do Vimioso*

Leonor Rocha

CHAIA/ Universidade de Évora
lrocha@uevora.pt

A recente identificação de uma estrutura em *opus caementicium* que se desenvolve em dois tramos e se associa a um muro/parede, construído em pedra seca, vem colocar, de novo, a questão da existência do Anfiteatro e/ou Teatro Romano de Évora neste lado da Acrópole. Recorde-se que esta localização tinha sido equacionada anteriormente por Jorge de Alarcão (1983) e V. H. Correia (1992) com base na estrutura deste quarteirão.

As evidências agora identificadas no piso inferior do Palácio do Vimioso, junto à Sé de Évora, numa obra de requalificação da Universidade de Évora permitem-nos voltar a discutir esta questão.

I

Localização e caracterização do sítio

A área abrangida por este projeto situa-se ao nível do piso inferior do Palácio do Vimioso, localizado no Centro Histórico da cidade de Évora, junto à Sé Catedral, onde a Universidade de Évora necessitava de proceder a trabalhos de reabilitação e melhoramentos nas instalações afetas ao Laboratório HÉRCULES para, por um lado dar resposta às novas exigências de acesso a pessoas com dificuldades de mobilidade e, por outro, poder acondicionar novos equipamentos de alta tecnologia de análise, deste Laboratório. Por se encontrar dentro da servidão administrativa do Centro Histórico de Évora, a obra teve condicionantes arqueológicas na componente de alterações de infraestruturas e outros trabalhos que implicassem revolvimento dos solos.

O Palácio dos Condes de Vimioso, conhecido apenas por Palácio do Vimioso, data do séc. XV, sendo a sua construção atribuída a D. Afonso de Portugal, Marquês de Valença que, por imposição real de D. João II, se torna o 43º Bispo de Évora. Muito provavelmente esta sua filiação direta à casa de Bragança e a imposição de uma insígnia eclesiástica, que não pretendia, permitiu-lhe não só ter acesso a meios financeiros, mas também à escolha deste local, privilegiado, em frente da Sé, para erigir o seu Palácio que, posteriormente passa para os seus herdeiros, uma vez que teve dois casamentos, tendo os seus filhos ficado com o título de Condes do Vimioso (Sousa, 1743).

Da análise da planta do último piso deste edifício, que se encontra ao mesmo nível do Largo Miguel de Portugal e ao qual se ligava, antigamente por duas portas, parece evidente que, na sua fase inicial, a entrada principal seria por este lado, provavelmente através do grande portão que se existe atualmente, e que permitiria também acesso direto a uma igreja (do lado esquerdo) que se suponha existir no Palácio.

Em 1863, quando este edifício passa para a família Soares, existem algumas referências a obras de vulto, com várias demolições e remoção de alguns elementos arquitetónico. Uma das causas prováveis para estas obras poderá ser o eventual estado de degradação do palácio, motivado pela revolução liberal e consequente extinção das ordens religiosas. As obras realizadas pelos novos proprietários, que implicaram alargamentos e retrações nos diferentes espaços, tinham por objetivo remodelações com fins habitacionais. Parece ser também no contexto destes trabalhos, e do menor valor patrimonial atribuído aos elementos arquitetónicos decorativos existentes em janelas e portais, que muitas peças decorativas terão sido vendidas para outros espaços da cidade de Évora (Espanca, 1966; Conde, 2009).

Será também provavelmente desta altura que se altera o acesso principal ao Palácio passando, até aos nossos dias, a ser realizado através do Largo Marquês de Marialva. Naturalmente que esta a mudança terá conduzido à necessidade de obras neste piso superior, nomeadamente nas áreas de entrada, torreões e também a construção da Ala Poente, onde se passaram a localizar as estrebarias e “casa da malta” e onde atualmente se encontra o Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro.

Será também no século XIX que se realizam remodelações na Sé, no Claustro (também ele com várias obras de ampliação) e a demolição do espaço adjacente, do Colégio dos Meninos do Coro, fundado no séc. XVI pelo Cardeal D. Henrique (Conde, 2009) que trouxeram novas alterações ao urbanismo e à topografia da cidade, nesta área. Efetivamente a comparação de fotografias antigas existentes no Arquivo Municipal de Évora permite-nos perceber que a demolição do Colégio dos Meninos do Coro conduziu, também a um rebaixamento de cerca de 1m no adro da Sé Catedral, provavelmente com o objetivo de o tornar mais espaçoso e para tentar recuperar o escadório primitivo e assim valorizar o Apostolado. Infelizmente, não se consegue perceber através desta documentação o que se passou na área do Colégio, sendo certo que a sua destruição permitiu alargar esta área e a criação do atual Largo Miguel de Portugal.

Por fim, nos anos 70 do séc. XX, o edifício é adquirido pelo Instituto Universitário de Évora, para constituição de uma biblioteca, o que acaba por não ocorrer e, com a reinstalação da Universidade de Évora, na década seguinte, o espaço passa por ter serviços diversos, incluindo o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul (IPPC-Évora) e os serviços técnicos da Universidade. Posteriormente, fica a albergar o Departamento de História, o Laboratório de Arqueologia, salas de aulas e gabinetes de docentes.

As novas funções que este espaço foi tendo associadas a uma Universidade, traduziram-se em profundas remodelações, com obras em todos os pisos para criação de salas e sanitários, com encerramento de portas e escadarias e abertura de outras, colocação de redes de saneamento e eletricidade, não tendo estas, no séc. XX, qualquer acompanhamento arqueológico, por não serem, à data, exigidas (AAVV, 1959; Espanca, 1966; Gromicho, 1944).

Já no séc. XXI, passou a ter a Escola Doutoral da Universidade de Évora (IIFA), o Laboratório HERCULES, Centros de Investigação e Serviços, realizando-se novas obras na Ala Poente para construção de um Centro Interativo de Arqueologia, criação de um novo espaço de aulas laboratorial para os alunos de Arqueologia e, no piso superior, espaços de gabinetes, de sanitários e a Biblioteca Pinho Monteiro (Oliveira, Rocha e Carneiro, 2014; Rocha *et al*, 2019). Os trabalhos de acompanhamento arqueológico não revelaram quaisquer estratigrafias/estruturas preservadas (Oliveira, Rocha e Carneiro, 2014; Rocha *et al*, 2019).

II

Descrição dos trabalhos realizados

Em 2022, as obras de remodelação de alguns dos espaços existentes no piso inferior do Palácio do Vimioso (laboratórios, gabinetes, jardim exterior, pátio interior e sanitários), implicaram diferentes tipos de trabalhos, uns com maior incidência a nível do solo, outros apenas a nível das paredes (Fig. 1).

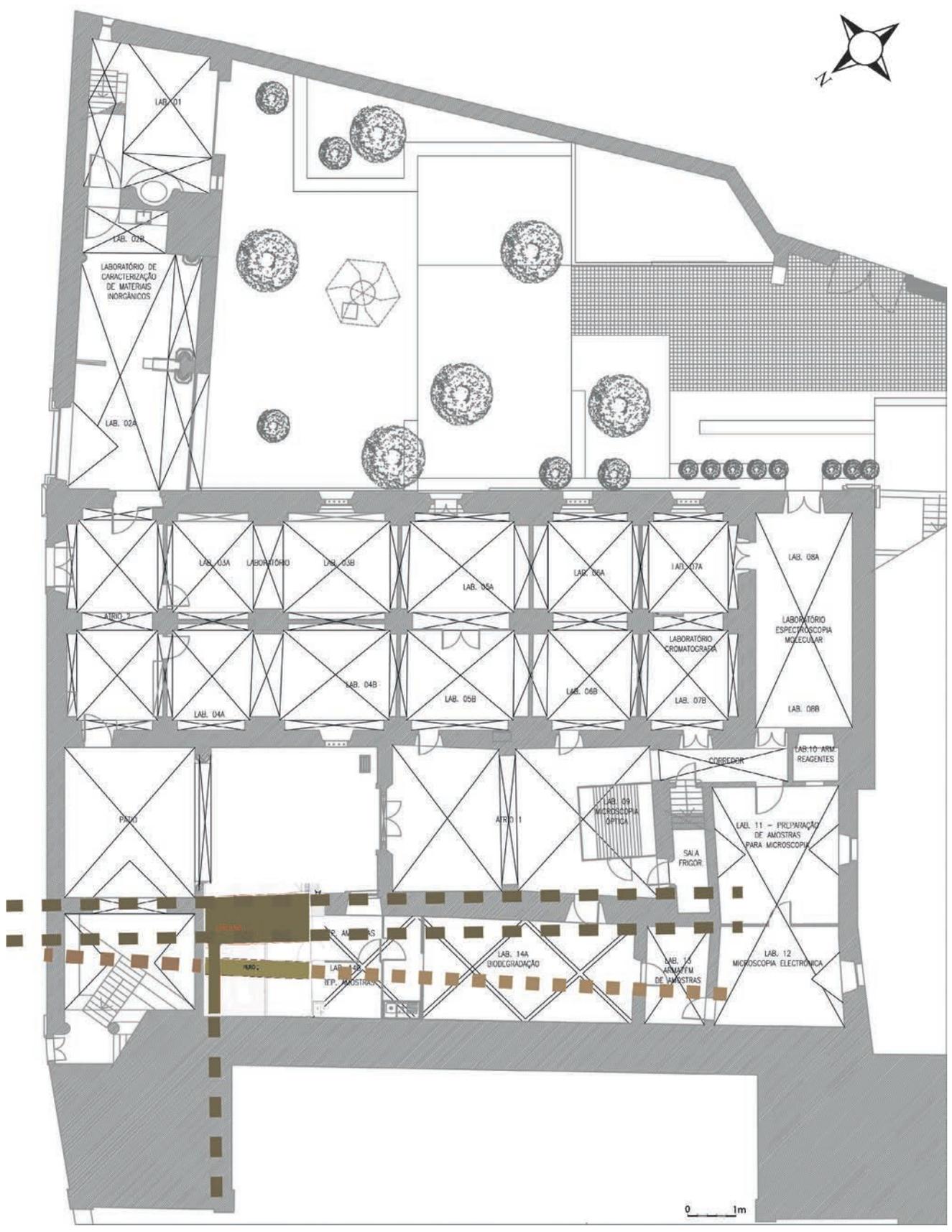
A área dos sanitários acabou por se tornar a mais interessante do ponto de vista patrimonial, ao contrário do que se suponha inicialmente, uma vez que neste espaço apenas se previa, i) remover os azulejos das paredes; ii) remover e substituir a tijoleira do pavimento; iii) proceder à abertura de três áreas/valas para substituição e/ou alteração dos esgoto e das condutas de água; v) proceder à abertura de uma caixa para junção dos esgotos, que seria na área da pré-existente, no interior, apenas mais larga. Todas estas obras eram essenciais devido não só à necessidade de melhoramentos nas condutas de águas e esgotos do WC, mas, também, à alteração da configuração deste espaço, para permitir acesso a pessoas com dificuldades de mobilidade.

A abertura das valas no pavimento permitiu identificar, desde logo, a existência de uma estrutura, muito larga (2,10m), que se desenvolvia paralelamente ao pátio exterior e sobre a qual assentava, diretamente, a parede do edifício e se estendia para o interior do espaço (Fig. 1). Para a execução das alterações previstas nestes sanitários, teria de ser parcialmente cortada, dado que se previa o alargamento da caixa de esgotos e saída dos tubos para o exterior. Da análise do aparelho construtivo era perceptível que se tratava de uma estrutura romana, em *opus cimenticium*, razão pela qual se comunicou a situação às entidades envolvidas (empregado, dono de obra e Direção Regional de Cultura do Alentejo) tendo-se decidido proceder a mais trabalhos com vista a caracterizar melhor esta evidência. Foi assim emitido parecer técnico no sentido de se remover mais pavimento de modo a proceder à limpeza manual de toda a área de modo a poder contextualizar melhor esta realidade. Esta 2ª fase de trabalhos permitiu identificar novas realidades do período romano:

1 Estrutura 1

Corresponde a uma fundação em *opus cimenticium* (com pedras sobretudo de granito e maior dimensão nos limites, preenchida no interior por pedras de diferentes composições e dimensões) com desenvolvimento em dois tramos, aparentemente em “T” (Fig. 1). A linha mais larga apresenta uma orientação NE-SW e tem 2,10m de largura e 2,20m de comprimento conservados, dentro do WC (a parede exterior do WC, virada para o Pátio interior, assenta sobre esta).

Fig. 1
Planta do piso térreo onde se realizaram as obras com identificação das estruturas (cheio) e provável continuidade (tracejado).



Os dois limites, a NE e SW não estão claros, muito provavelmente devido a obras anteriores. Esta estrutura faz um ângulo reto no lado NE, seguindo outra parte, mais estreita, no sentido NW-SE (3m de comprimento visíveis x 0,80m de largura) e continua do lado NW por baixo da parede limite do WC, pelo que não foi possível aferir o seu comprimento total. Este tramo foi parcialmente afetado nas obras dos finais do séc. XX pela passagem de uma das canalizações de esgoto. É, no entanto, evidente que os dois tramos foram construídos em simultâneo, pelo que se trata da mesma estrutura. Na área intervencionada foi possível perceber que possui, pelo menos, 0,50m de profundidade.

2 Muro

Sensivelmente paralelo ao lado mais largo desta Estrutura 1, no interior dos sanitários, foi identificado um muro, com orientação também NE-SW e que continua por baixo das paredes laterais do WC, para as áreas contíguas a NE e SW, pelo que também não se conhece a sua extensão total (Fig. 1). Em termos construtivos trata-se de um muro que, ao contrário da Estrutura 1, não tem ligante entre as pedras, que são de dimensão média a grande. Também foi possível perceber que para a sua construção foi escavada uma vala no substrato rochoso que se encontra muito superficial. Em termos de medidas apresenta 4m de comprimento x 0,80m largura e, pelo menos, 0,50m profundidade. A distância entre este muro e a Estrutura 1 é de cerca de 0,60m no lado SW e 0,50m na interseção das duas estruturas, o que significa que, não só não são paralelas como a continuar com este alinhamento, se devem juntar mais a Norte, provavelmente no limite da parede exterior do Palácio do Vimioso virada para o Largo Miguel de Portugal (Fig. 1).

Não é, no entanto, clara a relação entre a Estrutura 1 e o Muro/Parede uma vez que têm diferentes tipos de construção. A existir uma relação cronológica diferente, então o Muro terá de ter anterior à Estrutura 1, pois esta não apresenta qualquer evidência, na área de interseção, de ter sido cortada.

Nas escassas terras removidas nesta área não se identificou qualquer espólio, nem romano nem de outras cronologias, o que se pode justificar pelo facto das estruturas se encontrarem à cota do piso existente atualmente.

III

Conclusões Preliminares

Como se referiu, a área de maior interesse arqueológico das obras agora realizadas foi observada no interior do WC existente no piso térreo, com a identificação de uma estrutura em *opus cimenticium* que se desenvolve em dois tramos e de um muro/parede, construído em pedra seca que foi documentada também em fotogrametria (Fig.2).

Trata-se de um espaço que foi certamente muito afetado pela construção do Palácio do Vimioso mas, também, pelos sucessivos trabalhos de remodelação e melhoramento que foi tendo ao longo dos séculos, que conduziram a alterações significativas sendo certo porém que, nesta área, a potência de terra sobre o afloramento é escassa, e que a sua construção foi parcialmente realizada sobre edifícios romanos (Rocha, 2023). Infelizmente, o facto do espaço das instalações sanitárias de pequenas dimensões e de estas estruturas se estenderem para espaços contíguos, não intervencionados, não permitiu perceber, com clareza, as suas reais dimensões. Pese embora esta restrição, espera-se ainda vir a realizar prospeção

geofísica no Largo Miguel de Portugal no sentido de tentar identificar a continuidade da estrutura em *opus cimenticium* que se apresenta perpendicular à parede do Claustro da Sé.

A análise destas estruturas a uma escala mais alargada, conjugada com as especificidades da topografia do terreno e do urbanismo, em semicírculo na Rua do Cenáculo, junto ao Largo das Portas de Moura, leva-nos a considerar como extremamente plausível a hipótese anteriormente equacionada por J. Alarcão (1983) e V. Correia (1992), que consideravam como muito provável a existência dos espaços lúdicos da acrópole romana nesta área, nomeadamente o anfiteatro (Fig. 3).

Neste trabalho, atendendo às estruturas agora identificadas, mas também à análise do atual urbanismo da cidade de Évora intramuralhas romanas, consideramos que á semelhança de outras cidades,

Fig. 2
Fotogrametria realizada no final dos trabalhos onde são visíveis as duas estruturas identificadas.



existe efetivamente espaço e indícios que nos apontam para a probabilidade de aqui ter existido um teatro e um anfiteatro, localizados a Sul e a Oeste do Fórum, respetivamente, como se documenta na figura 4. Em termos de topografia, a proposta para o teatro, nesta localização, implicava que a *cavea* e os *vomitória* tivessem de ser construídos em altura, pois o terreno apresenta declive descendente para essa área, o que não é um impedimento atendendo a que esse modelo construtivo também foi utilizado em outras cidades romanas em que não existia um declive natural favorável para a colocação da *cavea*.

Mas, se a construção de um teatro parece ser uma constante nas cidades romanas por serem considerados a forma mais eficaz de difundir e cimentar a ideologia política e religiosa por todo o império, no caso dos anfiteatros a questão não parece ter sido tão simples, verificando-se ao longo do período republicano e imperial, diferentes posições sobre a sua construção (Alarcão, 1983; Correia, 1992; Gros, 1990, 1992; Wilmott, 2007). São edifícios que apresentam maior variabilidade em termos de dimensão e localização, não integram a panóplia dos edifícios públicos lúdicos (Vitruvius também parece partilhar esta dúvida ao colocar os *amphitheatrum* na obra *De architecture* como um subcapítulo dentro dos *theatrum* – Livro V) talvez por estarem mais associados a momentos de grande violência, desde as lutas de gladiadores até às execuções. Assim, a sua construção acaba por se realizar, muitas vezes, em áreas mais afastadas do espaço nobre da acrópole, até porque a sua dimensão exige mais área livre ou, a demolição de outras construções, quando ocorre intramuralhas, como em Pompeia, por exemplo (Gos, 1992; Wilmott, 2007).

Fig. 3
Plantas topográficas, geral e de pormenor do quarteirão, relativas à proposta de V. Correia (1992) para a localização do anfiteatro romano de Évora (adap. Correia, 1992, p. 348, fig. 1 e 2).

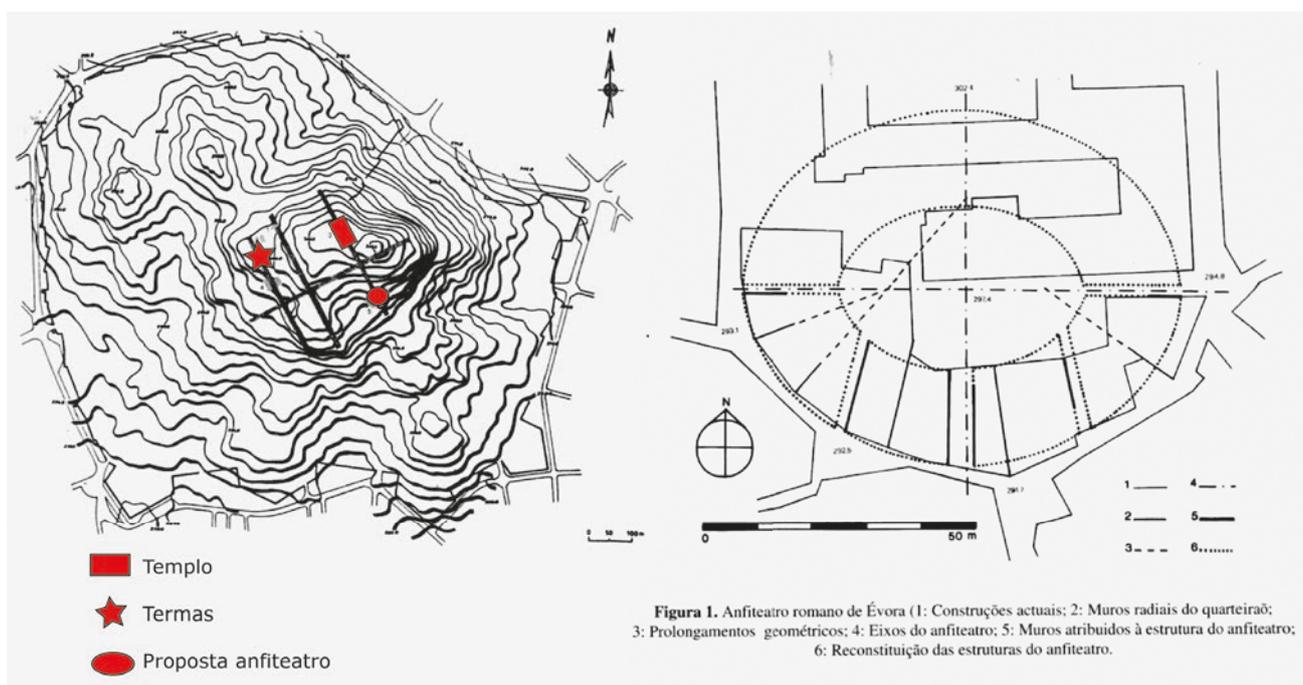
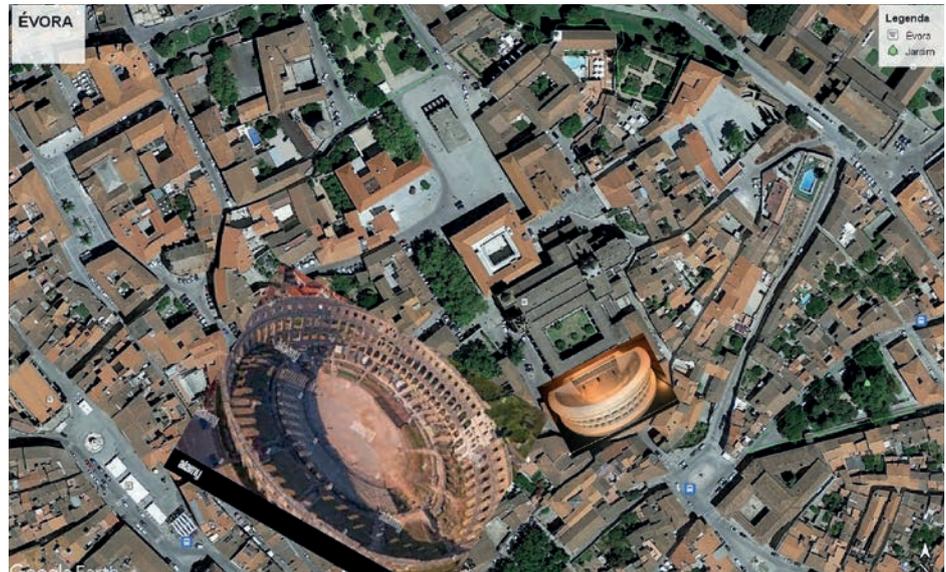
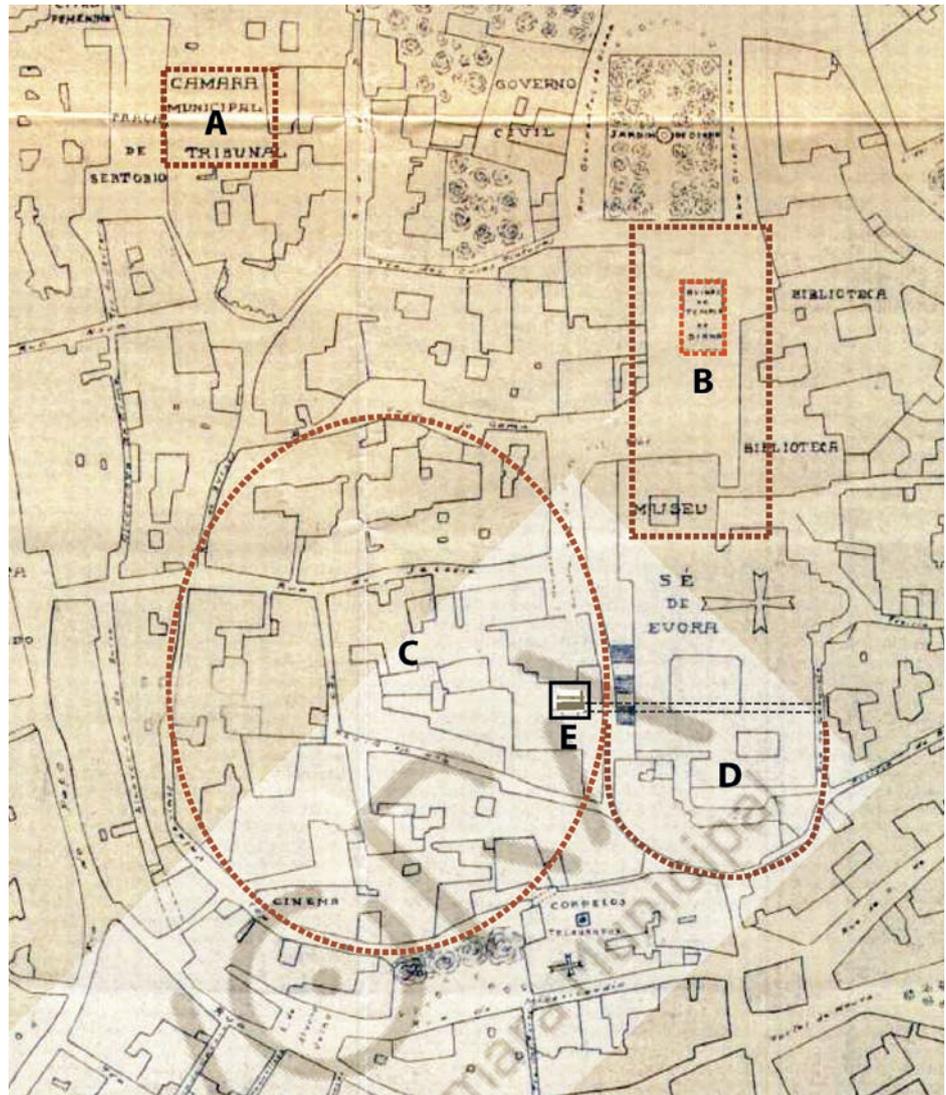


Fig. 4
Proposta de localização dos espaços lúdicos da cidade de Évora, em período romano, tendo em conta a malha urbana e os vestígios identificados. **A** – Termas. **B** – Templo e Fórum. **C** – Configuração hipotética do Anfiteatro. **D** – Configuração hipotética do Teatro. **E** – Localização da estrutura identificada.



Esperamos que os dados a obter com a prospeção geofísica possam vir a melhorar esta proposta, nomeadamente comprovar a proposta do prolongamento desta estrutura (Fig. 4 – D) e que futuros acompanhamentos arqueológicos a realizar em obras, nesta área da cidade, também possam contribuir para o esclarecimento desta questão uma vez que nos parece muito pouco provável que a cidade de Évora não tivesse qualquer espaço lúdico, em época romana. Naturalmente que também teremos de deixar em aberto a possibilidade de estes se encontrarem fora das muralhas, uma vez que também é um modelo com paralelos na Lusitânia romana.

AGRADECIMENTOS

Aos alunos do mestrado de Arqueologia e Ambiente que participaram nestes trabalhos, António Diniz, Daniela Rosindo, José Vinagre, Inês Machado, Inês Ribeiro e Marisa Nico.

BIBLIOGRAFIA

Arquivo Municipal de Évora [em linha:
<https://arqm.cm-evora.pt/index.php/>]

AAVV (1959) – *Número comemorativo do Quadricentenário de Fundação da Universidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo.

ALARCÃO, Jorge de (1983)
– *Portugal romano*. Lisboa: Verbo.

CONDE, Antónia (2009) – O Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora e a acção de D. Frei Luís da Silva Teles. *A Cidade de Évora*. II Série. nº 8. Câmara Municipal de Évora, pp. 467-480.

CORREIA, Vergílio Hipólito (1992)
– O anfiteatro romano de Évora. Notícia da sua identificação. In *Coloquio Internacional El anfiteatro en la Hispania romana*. Mérida, pp. 345-348.

ESPANCA, Túlio (1966) – *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

GROMICHO, Bartolomeu (1944)
– *Da Universidade de Évora*. Évora: [s.n].

GROS, Pierre (1990) – Théâtre et culte imperial en Gaule Narbonnaise et dans la péninsule ibérique. In TRILLMICHE, W.; ZANKER, Paul, eds. - *Stadt und Ideologie. Die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit*. Munique, pp.381-390.

GROS, Pierre (1992) – L'amphithéâtre dans la ville. Politique "culturelle" et urbanisme aux deux premiers siècles de L' Empire. In *Coloquio Internacional El anfiteatro en la Hispania romana*. Mérida, pp. 13-30.

WILLMOT, Tony (ed) (2007)
– *Roman Amphitheatres and Spectacula: a 21st-Century Perspective. Papers from an international conference held at Chester, 16th-18th February*. Bar International Series 1946.

LEAL, Pinho (s.d) – *Dicionário Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Editora Mattos Moreira & Companhia.

OLIVEIRA, Jorge de; ROCHA, Leonor; CARNEIRO, André (2014) – *Palácio dos Conde de Vimioso - Évora. Trabalhos de Acompanhamento das obras na Ala Poente. Relatório Final*. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.

PERRAULT, M. V.P. (1837) – *Les dix livres d'architecture de Vitruve, avec les notes de Perrault*. Paris: E. Tardieu e A. Coussin Fils.

ROCHA, Leonor (2023) – *Obras de Remodelação e Adaptação de espaços no Laboratório HERCULES no Palácio do Vimioso. Relatório Técnico-científico Final*. Acessível nos Arquivos da DGPC. Lisboa, Portugal. pp. 40.

ROCHA, Leonor; OLIVEIRA, Jorge de; CARNEIRO, André; BALESTEROS, Carmen (2019) – Gestão e salvaguarda do património arqueológico: o caso da Universidade de Évora (Portugal). *Scientia Antiquitatis*. 1/2019. Évora, pp. 113-152.

SOUSA, António Caetano de (1743)
– *Historia genealogica da Casa Real Portuguesa: desde a sua origem até o presente*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, tomo X, livro II.



ABSTRACTS

PERFORMANCE ROMAN BUILDINGS IN *LUSITANIA*

Trinidad Nogales Basarrate

A study on the state of the art of performance buildings in the western Hispanic province of *Lusitania*. Recent archaeological work has uncovered some unknown examples of new performance buildings. The known and unknown examples, their constructional and decorative peculiarities, as well as the possible relationships between the *officinae* that carried out these projects, which were in charge of the provincial administration, are analyzed.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 18

METELLINUM Public performances buildings

Santiago Guerra Millán

The Roman city of *Metellinum* is located in the current town of Medellín (Badajoz, Spain). It is a strategic place and, therefore, it houses a magnificent archaeological complex made up of prehistoric, protohistoric, roman, islamic, late medieval, christian and modern-contemporary vestiges.

The purpose of this work is to reflect the data that, nowadays, in november 2023, is known about the buildings for public performances of this roman colony in the Hispania Ulterior Lusitania Province. In this sense, the information we have about the Roman theatre of *Metellinum*, recently highlighted, is discussed, as well as the proposals for future investigations that are beginning to be developed to try to locate, in that archaeological site, other possible Roman buildings intended for public performance.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 46

ARCHAEOLOGICAL ANALYSIS OF THE THEATRE AND THE AMPHITHEATRE OF *AUGUSTA EMERITA* IN THE LIGHT OF NEW RESEARCH

Pedro Mateos Cruz

On the occasion of the centenary of the beginning of archaeological excavations in the Roman theatre and amphitheatre of Mérida starting in 1910, a research project has been developed that aimed to gain urban, architectural and chronological knowledge of these buildings. The project contemplated its planimetric and archaeological documentation through interventions at different points of the complex. A first result of this project is the publication of two scientific monographs on the *scaenae frons* and the *cavea* of the theatre, focused on the architectural, epigraphic, iconographic, etc. study of the building. On the other hand, for the first time, it has been possible to define a diachrony for the construction of the theatre that began in the Augustan era, with transformations in the Flavian-Trajan and Constantinian periods and which suffered amortization throughout the fifth century.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 66

COSTS AND PATRONAGE IN ROMAN THEATRES

Some considerations

Patrizio Pensabene
and Javier Á. Domingo

Theatres were one of the most representative buildings in Roman cities, as spaces not only for performances but also for the self-representation of the financing elites and the setting for certain ceremonies related to imperial worship. In addition, the “*imitatio Romae*” was given special emphasis through the use, where possible, of imported white and coloured marble or, failing that, of local stuccoed stones that evoked marble. While in Rome the promotion of theatrical buildings was imperial, in Italy and the provinces it was the local elites who were involved, sometimes even together with the city governments, which meant that the use of these materials was subject to the economic possibilities of the commissioners. In this study we analyse the implications of the various sources of financing for the importation of coloured marble for theatrical scenery from an economic perspective.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 88

THE VITRUVIAN LAYOUT AS A PREDICTIVE MECHANISM OF ROMAN THEATRICAL STRUCTURES

Salvador Lara Ortega

Vitruvius related in his treatise a geometric procedure for the typological situation of the different parts of a theatre. We have written a lot about whether it was applied and how, and in my opinion nothing is definitive. Among the difficulties are: the impressive diversity of theatres discovered in the Roman world, the reduced quality of their graphic surveys and above all the presence of construction phases and Roman reforms that blur the original traces and which must be demarcated before drawing. But there is a forgotten problem. Vitruvius was explained in parallel with some drawings that were lost. We understand with half the information. This creates a new mystery for the understanding of the Vitruvian texts, perhaps prior to the previous ones: knowing what the missing drawing looked like. This article traces the illustrations that the most important translations of the treaty drew to fill in that lack; concluding that there are two different ways of understanding the layout that require reconciliation.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 110

SINGULARITIES AND DIVERSITIES OF THE SCENIC BUILDING

The case of Lisbon's Roman theatre

Lídia Fernandes, Carolina Grilo and Patrícia Brum

This work presents an overview of the Roman theatre of Lisbon and its main characteristics. This Roman building, identified in the aftermath of the 1755 earthquake, has been the object of archaeological excavations since the 60s decade of the last century, which ended in the opening of the Museum of the Roman Theatre in 2001. In the present-day, it was renamed Museum of Lisbon – Roman Theatre after remodelling works between 2013 and 2015. Aspects related to the construction systems of the Roman monument are discussed, specifically its planimetry, architectural characterization and ornamental program, as well as the symbolic aspects of the architectural complex and its integration in the urbanism of the ancient city Roman of *Felicitas Iulia Olisipo*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 132

THE ROMAN THEATRE OF *BRACARA AUGUSTA*

Manuela Martins, Ricardo Mar
and Fernanda Magalhães

This article presents the state of the art on the Roman theatre of *Bracara Augusta*, which was identified in 1999 and partially excavated between 2002 and 2012. The characterization of the building was possible thanks to the extensive excavations carried out between 2004 and 2007, in the context of a preliminary theatre study project, which was funded by the PNTA. The excavations carried out at that time made it possible to identify part of the *cavea*, the *orchestra* and the theatre's scenic body. The data available from these different structural parts made it possible to evaluate the construction characteristics of the theatre and develop a drawing exercise of its floor plan.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 148

AMPHITHEATRE OF AMMAIA (MARVÃO)

A new recreational building in lusitania
- CNS 300 / IPA.00001844

Carlos Fabião, Nova Barrero Martín, Amílcar Guerra,
Trinidad Nogales Basarrate, Catarina Viegas,
José Maria Murciano and Joaquim Carvalho

The *Ammaia* amphitheatre was built on a slope on the northwest *suburbium* of this Roman city. It constitutes a typical example of this type of building in a small provincial town that, without resorting to *opus caementicium*, was built taking advantage of the land topography, on the one hand, and building embankments, on the other. Its building dates to the end of the Julio-Claudian dynasty or Flavian era and was in use until late in the 4th century.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 166

FURTHER NORTH, IN LUSITANIA

The amphitheatre of the *splendidissima civitas*
(Bobadela, Oliveira do Hospital)

Rui Silva and Pedro Carvalho

In the Beirão Plateau, just 3 kilometres west of the county seat (Oliveira do Hospital), lies the village of Bobadela. In its valley and in the middle of the floodplain, on a gentle rise next to the river Cavalos, the Romans founded their city: the *splendidissima civitas*. A splendid arch, a series of epigraphs dedicated to illustrious personalities from the region or to Roman gods, a considerable array of architectural elements, scattered around the historic centre, and a remarkable amphitheatre, are eloquent traces of the city's past. From the archaeological excavations in the 1980s, to the restoration and conservation process, between 2006 and 2008, the amphitheatre, which has been fully uncovered, has become an unmissable landmark on the national archaeological scene and in Roman Hispania, especially when it comes to public architecture and entertainment buildings.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 186

PERFORMANCE BUILDINGS IN CONIMBRIGA

Issues and challenges

Vítor Dias, Virgílio Hipólito Correia, José Ruivo,
Ricardo Costeira da Silva and Filipe Ferreira

In the last few years, the development of archaeological research using new methods and new interpretation approaches to buildings and structures of discussed function, has led to reflections on the hypothesis of a leisure and spectacle quarter existing in the North valley of Conimbriga. To the confirmed presence of an amphitheatre, is now added the possibility of the presence of a theatre.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 202

THE CÁPARRA AMPHITHEATRE

Ana María Bejarano Osorio

In the Roman city of Cáparra, some excavations have been developed. These actions have progressively revealed the vestiges of this urban centre next to the Via de la Plata. Among the buildings identified, the amphitheatre stands out, in the area outside the walls and close to the monumental southeastern gate of access to the city. Until today, this is the only entertainment building archaeologically registered. Its architectural plan and construction system adapted to the needs of the population of Cáparra and its surroundings. Besides the amphitheatre offered one of the spectacles that best defines Roman culture: the *ludi gladiatorii*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 216

THE ROMAN CIRCUS OF MERIDA

Rocío Ayerbe Vélez and Félix Palma García

The Roman Circus of Merida is one of the most emblematic monuments of the city and one of the best preserved of the whole Empire. Since the beginning of the excavations in the circus by Mérida and Macías in 1919, a series of archaeological interventions have recovered the appearance and the complete architectural plan of the building. This article updates the current state of knowledge about the Merida's Roman circus and proposes a new chronology for the beginning of its construction.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 236

THE CIRCUS, SO-CALLED “HIPPODROME”, FROM MIROBRIGA (SANTIAGO DO CACÉM)

Research history and recent surveys

Felix Teichner, Filomena Barata
and José Carlos Quaresma

Mirobriga is a small *civitas* located in the south of the *provincia* of Lusitania, close to the coastal area of Sines and in the transition to the low-altitude mountain system that separates the Alentejo coast from the inland area. The Iron Age settlement was converted into a Roman town during the 1st century BC and 1st century AD, acquiring its early-imperial morphology roughly between the third quarter of the 1st century AD and the first half of the 2nd century AD, when the circus/hippodrome was built. This sector of the town's southern *suburbium* was investigated in the 1940s and 1960s, with re-analyses in the 1990s. Since 2021, the GeoMir project has made it possible to carry out non-invasive prospecting methods in the sector. A summary of the current results is presented in this article.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 250

ROMAN CIRCUS OF LISBON

Implantation and urban transformation

Lídia Fernandes and Carlos Cabral Loureiro

Some considerations on the Roman circus of *Olisipo* are presented. The analysis is intended to bring together the elements that have been presented on the subject and is based on some of the most relevant aspects of research: the place where the monument was built, from a geological and topographical point of view; its architecture and orientation, an aspect that we have already addressed previously, although new considerations are now presented and, finally, the relevance of its construction in the context of the urban development of *Felicitas Iulia Olisipo*.

Although some of the aspects discussed need to be confirmed in view of the few archaeological remains known, we cannot fail to underline the importance of this Roman monument in the city

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 264

PLAYFUL REPRESENTATIONS ON LAMPS IN *AUGUSTA EMERITA* (BADAJOZ, SPAIN)

Alejandro González Blas

In this paper we will present a set of pottery lamps from interventions carried out in the city of *Augusta Emerita*. From an iconographic point of view, these materials show motifs related with the public spectacle buildings, with examples of *ludi circenses*, *ludi gladiatorii* and theatrical performances.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 286

A REREADING OF THE SO-CALLED “CASA DEL ANFITEATRO” IN *AUGUSTA EMERITA* (MÉRIDA, SPAIN)

Private *domus* or building
at the service of the *ludi*?

Ana M^a Bejarano Osorio and
Macarena Bustamante-Álvarez

The recent archaeological interventions developed in the so-called house of the Amphitheatre of Mérida are evaluated. In addition to presenting the preliminary results, a new hypothesis is proposed linked to the adjacent entertainment buildings that would delimit a private building serving the city's *ludi*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 298

THE SLAVE ENVIRONMENT OF ROMAN *LUSITANIA*

An epigraphic view on spectacle buildings

Sílvia Teixeira

This work aims to explore the association between slave groups and spectacles, especially the theatrical plays and gladiatorial fights, which has been widely debated, given the complexity in determining the status of the individuals recorded in the inscriptions, not only when it comes to spectacles, but also in general. In order to do this, we compile and analyse the inscriptions pertaining to individuals placed in the slave environment, linked with the diverse types of spectacle buildings in Roman Lusitania. This repertoire will enhance our knowledge on the link between slave groups and this aspect of the Lusitanian-Roman sociocultural experience, enabling us to assess certain ideas disseminated in these topics' literature – namely the near-automatic association between gladiators and slaves.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 316

FIRST ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF THE ROMAN (AMPHI) THEATRE OF ÉVORA?

The structures of the Vimioso palace

Leonor Rocha

The recent identification of a structure in *opus cementicium* that develops in two branches associated with a wall, built in dry stone, raises again the question of the existence of the Amphitheatre and/or Roman Theatre of Évora on this side of the Acropolis. It should be recalled that this location had previously been considered by Jorge de Alarcão (1983) and V. H. Correia (1992), based on the structure of this residential block.

The now evidences identified in the lower floor of the Vimioso Palace, near the Évora cathedral, in a requalification work of the Évora University, allow us to discuss this question again.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 326

THE GÓRGONA PROJECT – CORPUS OF ORNAMENTAL COATING LITHOTYPES IN *LUSITANIA*

Lídia Fernandes, Carolina Grilo, Patrícia Brum,
Jorge Sequeira and Manuel Francisco Costa Pereira

Over the last few decades, the study and trade of coating materials has acquired a prominent place in peninsular Roman archaeology and has demonstrated the importance of the trade, circulation, and distribution of these products in Hispania.

However, even though these material assemblages are abundant in their contexts of origin, they are still often neglected when compared to other collections and considered of lesser prominence, due to their fragmentation and uncertainties in their classification and correct identification. This is due to the lack of analyses that make it possible to correctly recognize their origin. Particularly in the case of Lusitania, this lack of references and classification of coating materials is evident, limited to a few sites, most of which are the result of ancient interventions.

The *Gorgona* project - a corpus of ornamental coating lithotypes from Lusitania - was born of the need to systematize and characterize the different cladding materials and lithotypes present in public and private architecture in the province of Lusitania.

The main objective of this project is to inventory and classify the cladding materials identified in the province, present in archaeological sites, museums and/or other locations, and to trace their origin, peninsular and/or imported, under typified criteria, with a view to precise characterization.

Currently in its initial phase, the project includes the development of a database for the different lithotypes represented in the province of Lusitania, starting with data referring to national territory, and seeks to systematize the data under well-typed classification criteria, with a view to their correct interpretation.

Resulting from an initiative by the Museum of Lisbon - Roman Theatre in partnership with LNEG/ Geological Museum and IST/UL - Décio Thadeu Museum and benefiting from the interdisciplinary nature of archaeology and geology, the analytical component, with the taking of samples and mineralogical and petrographic studies, is also being taken care of in order to create an informative reference corpus.

This data analysis tool will make it possible to create different levels of analysis, both in terms of determining origins and studying the circulation and trade networks of coating materials. It is also intended that this tool will encourage the development of studies on these materials, broadening their potential, from chronological data, quarrying, specialized workshops, commercial networks and circulation of materials, among others.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 338

THE CONSERVATION AND RESTAURATION AND SCULPTURE TECHNOLOGY IN FAVOUR OF EXPERIMENTAL ARCHAEOLOGY

- Which colours have painted the roman theatre? -

Marta Frade

With this article we intend to demonstrate all the phases of a project that began with a challenge made by the Museum of Lisbon - Roman Theatre to the Plaster Conservation and Restoration Laboratory of the Sculpture Degree of the University of Lisbon to reconstitute a capital, existing in the museum, which only had its support material, lacking its original aesthetics (ornamental plaster decoration). Taking as a starting point the identical capitals of Medellín (Spain), to carry out this project it was necessary to combine the area of conservation and restoration with the technologies of sculpture. All this work of Experimental Archaeology was embraced by the students with all respect and commitment, in classes held *in situ*, so that those who visited the museum could follow the whole process. It was a learning experience for both the students and me, where photographs were reinterpreted, concepts from two areas that are so different but that complement each other so well were united. The material and the techniques have always gone hand in hand. Finally, and as we know so well today, this integrated heritage was not white, but covered in the main colors: blue, red, yellow and green, which were wrapped in lime water. The whole project culminated in an exhibition that was a true "Open Class".

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 356

THE SCALE MODEL OF THE ROMAN THEATRE OF LISBON

Carlos Cabral Loureiro

The premises that guided the construction of one of the central elements of the visiting circuit of the permanent exhibition of the Museum of Lisbon – Roman Theatre are presented: the scale model of the scenic monument and its implantation in the topography of the current hill of Castelo de São Jorge, in Lisbon.

The development methods and its phasing are exposed, and a brief analysis is made of the importance of this model as an instrument for the understanding and recognition of this important building in the Roman city of *Felicitas Iulia Olisipo*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 364

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa
– Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Lídia Fernandes,
Mónica Gomes, Patrícia Brum

Impressão

Rigor das Cores

Tiragem

500

ISSN

2184-6979

Ano

2025

Depósito Legal

465402/19

Textos

Alejandro González Blas
Amílcar Guerra
Ana María Bejarano Osorio
Carlos Cabral Loureiro
Carlos Fabião
Carolina Grilo
Catarina Viegas
Félix Palma García
Felix Teichner
Fernanda Magalhães
Filipe Ferreira
Filomena Barata
Javier Á. Domingo
Joana Sousa Monteiro
Joaquim Carvalho
Jorge Sequeira
José Carlos Quaresma
José Maria Murciano
José Ruivo
Leonor Rocha
Lídia Fernandes
Macarena Bustamante-Álvarez
Manuel Francisco Costa Pereira
Manuela Martins
Marta Frade
Nova Barrero Martín
Patrícia Brum
Patrizio Pensabene
Pedro C. Carvalho
Pedro Mateos Cruz
Ricardo Costeira da Silva
Ricardo Mar
Rocío Ayerbe Vélez
Rui M. Silva
Salvador Lara Ortega
Santiago Guerra Millán
Sílvia Teixeira
Trinidad Nogales Basarrate
Virgílio Hipólito Correia
Vítor Dias

COMISSÃO CIENTÍFICA SCIENTIFIC COMMITTEE

Edifícios de Espectáculo na Lusitânia Romana Congresso Internacional

André Carneiro

Universidade de Évora

António Pizzo

EEHAR - Arqueología, Escuela Española
de Historia y Arqueología en Roma, CSIC - EEHAR

Giulia Rossi Vairo

Universidade Nova de Lisboa

Lídia Fernandes

Museu de Lisboa - Teatro Romano

Pedro Alarcão

Universidade do Porto

Trinidad Nogales Basarrate

Museo Nacional de Arte Romano, Mérida

Vasco Mantas

Universidade de Coimbra



**MUSEU
DE LISBOA**

**PALÁCIO
PIMENTA**

**SANTO
ANTÓNIO**

**TEATRO
ROMANO**

**CASA DOS
BICOS**

**TORREÃO
POENTE**

Um museu. Cinco lugares. *One museum. Five places.*